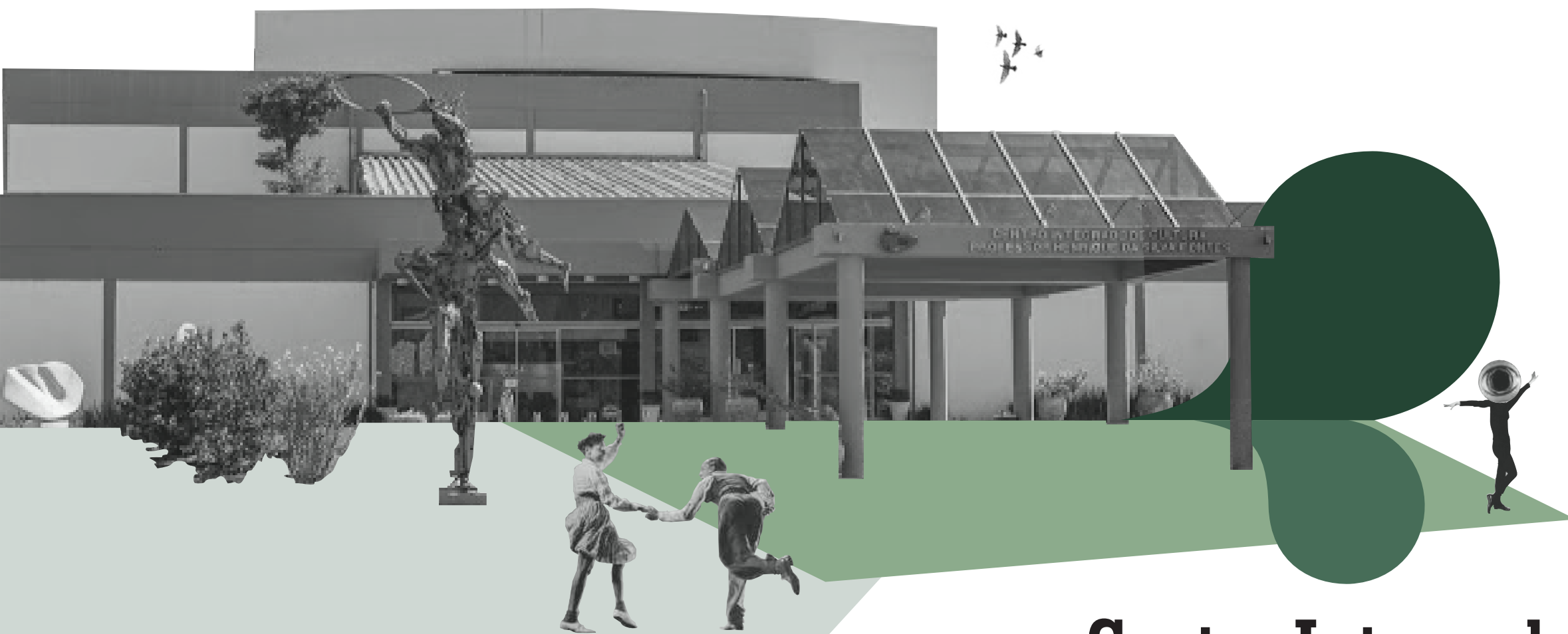




Centro Integrado de Cultura

como Articulador entre Arte e Público

"A cidade é o monumento supremo da Arquitetura.
A Arquitetura não é para ser vista, é para ser vivida"

¹ ROCHA (2017)

OBJETIVOS GERAL:

Elaborar um projeto de revitalização do edifício e do terreno do CIC, priorizando a apropriação livre de todos e reduzindo a subutilização de espaços.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Explorar o conceito de cultura, arte e sua relação com o público por meio de centros culturais;
- Realizar análises de projetos análogos no conceito de apropriação livre aplicado na proposta;
- Elaborar contextualização histórica acerca da construção do centro cultural, analisar as condições atuais e as especificidades do contexto urbano do recorte em que o projeto será desenvolvido;
- Desenvolver o partido arquitetônico e urbanístico da revitalização do CIC.



O Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes, amplamente conhecido como CIC, é um espaço projetado para proporcionar oportunidade para a produção artística se descentralizar e imergir em todas as camadas da cidade, sendo um espaço público direcionado para ser o principal abrigo para encontros e ao mesmo tempo refúgio do caos urbano. O CIC é um dos maiores centros culturais do Estado de Santa Catarina, porém não cumpre o papel da integração que tem em seu nome, sendo uma construção ilhada e desconectada da cidade na qual está inserida.

Inaugurado em 1982, em meio a Ditadura Militar, o CIC segue o conceito de centros culturais como espaços multiuso, conceito que estava ganhando forças com o surgimento de construções como o Jabaquara (1977) e o Centro Cultural São Paulo (1982), que seguiam a proposta de espaço de lazer e cultura indo além de somente teatros, bibliotecas e museus.

Implantado no bairro Agrônômica, região central da cidade de Florianópolis, o CIC tem tudo para ser um vértice de encontro entre pessoas com a identidade da capital efervescente e viva. Todavia, o projeto implantado deu prioridade para o acesso dos veículos em detrimento da circulação de pessoas, o que levou ao afastamento - e até segregação - do público do espaço cultural. Circundado por três vias de fluxo intenso de veículos, o terreno não funciona como uma extensão da rua para permitir a entrada natural das pessoas e a construção tem pouca troca de visuais entre o interior e o exterior, interrompendo uma possível conexão, não sendo convidativa nem se expondo em suas atividades para as pessoas que circulam em seu entorno.

Não existindo uma política de estado para a cultura, sofre com as diversas administrações públicas descontínuas. A construção perde a sua identidade brutalista após camadas sobre camadas de tintas e adaptações não condizentes com a linguagem da edificação. Se perde no tempo, por estar desconexa com a sua época e com as demandas atuais da cidade.

A partir deste cenário, de um centro cultural com 38 anos em bom estado que recebe visitas quase que exclusivamente para eventos e shows, se faz necessário repensar o uso do espaço público para desfrute de todos, que convida as pessoas para adentrarem e não pareça um palácio destinado apenas aos letrados, aos estudiosos e aos conhecedores da arte, mas um espaço privilegiado, uma extensão dos espaços públicos, como o SESC Pompeia ou a Casa de Ópera de Oslo – um local que poderia ser extremamente erudito e hermético mas tornou-se um espaço aberto e democrático, um lugar de receber as pessoas.

A proposta desse trabalho é um projeto de revitalização no Centro Integrado de Cultura, que prospere os usos já consolidados e integre o terreno com as costuras da cidade, de forma que a apropriação aconteça naturalmente para todos e que seja possível vivenciar a identidade de Florianópolis, com a arte transbordando para fora da construção.

¹ ROCHA, Paulo Mendes da. "Arquitetura não é para ser vista, é para ser vivida". 12 Out 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 6 Jul 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/881436/paulo-mendes-da-rocha-arquitetura-nao-e-para-ser-vista-e-para-ser-vivida>>

AGRADECIMENTOS:

Gostaria, antes de tudo, de agradecer aos meus pais, Tania e Armando, pelo apoio constante. O carinho e dedicação deles levam grande mérito neste trabalho.

Agradecer também pelo tempo e disposição, na resposta de questionamentos sobre o Centro Integrado de Cultura, a Anita Pires, Eveline Orth, Luiza Lins, Maurício Adriani e em especial a Néri Pedroso, que trouxe reflexões e conteúdos indispensáveis para o desenvolvimento da tese.

Aos meus amigos e namorado, pelo suporte e momentos inesquecíveis no decorrer de todo o curso, jamais esquecerei.

E aos meus professores do curso, em especial ao meu orientador, Silvio Hickel do Prado, pela energia positiva, dedicação e incentivo na construção deste trabalho e de outros demais do curso.

Centro Cultural como Ferramenta de Integração entre Arte e Público

“Existem várias nomenclaturas para os espaços destinados a cultura: Centro de Cultura, Casa de Cultura, Atelier de Cultura... Seja o que for, é necessário dar um sentido aos espaços que, em nome da cultura, são construídos. Porém sabe-se que isso está relacionado com a própria cultura que se faz neste espaço”² (OLIVEIRA, 2006, p. 39)

A cultura surge do diálogo entre educação e cidadania, é necessariamente aprendida na convivência entre as pessoas. Ao contrário do que acontece com os animais, que recebem ao nascer uma poderosa carga instintiva que determina seu comportamento para toda a vida, o homem tem que aprender a viver, falar para expressar suas necessidades ou desejos, escolher os alimentos, relacionar-se com as pessoas, comportar-se.

“Vértice de encontro entre pessoas de lugares diversos, a cidade é vivida como mistura humana, local de efervescência e criação a partir da presença comum, conjunta, de indivíduos que vêm de toda a parte. A produção artística contemporânea incorpora a tensão entre arte e vida, com representações que enfocam as relações existentes entre os espaços, os fluxos existenciais, a inserção do homem, as possibilidades de encontro e desencontro”³ (PEDROSO, 2020)

Relacionada ao conceito de responsabilidade, a cultura, de forma ampla, pode ser descrita como uma atividade social que institui um campo de signos, símbolos, valores, comportamentos e práticas compartilhadas e modificadas entre gerações. Como herança do século XVIII, ainda é vista como referência de valores, vinda de um processo geral de um progresso intelectual, tanto na esfera pessoal como na social.

A partir da globalização de todos os setores do cotidiano, em que os métodos conhecidos se desenvolvem e se mesclam, a arte evolui de modo a perder antigas demarcações. Cada vez mais incorporada na vida e nas relações, determinar um espaço destinado para a arte acontecer pode parecer desatualizado, mas a intenção de aproximar as diferenças culturais somado a necessidade que as cidades têm de exibir sua identidade e efervesce-la, torna este espaço, ainda sim, essencial.

Se a cultura é uma ferramenta de inclusão social, o centro cultural é, necessariamente, o ponto de encontro do público que compreende classes, origens e intenções distintas. Espaço destinado para abrigar diversas expressões culturais de todos os públicos: fazedores de cultura, consumidores de cultura, criativos de hoje e do amanhã, enfim, um espaço pensado e planejado para todos.

² OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias Aguiar de. **Acessibilidade espacial em centro cultural**: estudo de casos. 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PARQ0023.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.



Colagem feita pela autora ilustrando as oficinas propostas do CIC



Colagem feita pela autora ilustrando a proposta do MASC



Colagem feita pela autora ilustrando a proposta da rampa interna do CIC

³ PEDROSO, Néri. Entre acertos e desconexões: sem hegemonia, circuito de arte em santa catarina incorpora a vida, com tensões e fluxos descontínuos. **Arqsc 2017**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 18-21, dez. 2017. Anual.

Pós-Covid-19

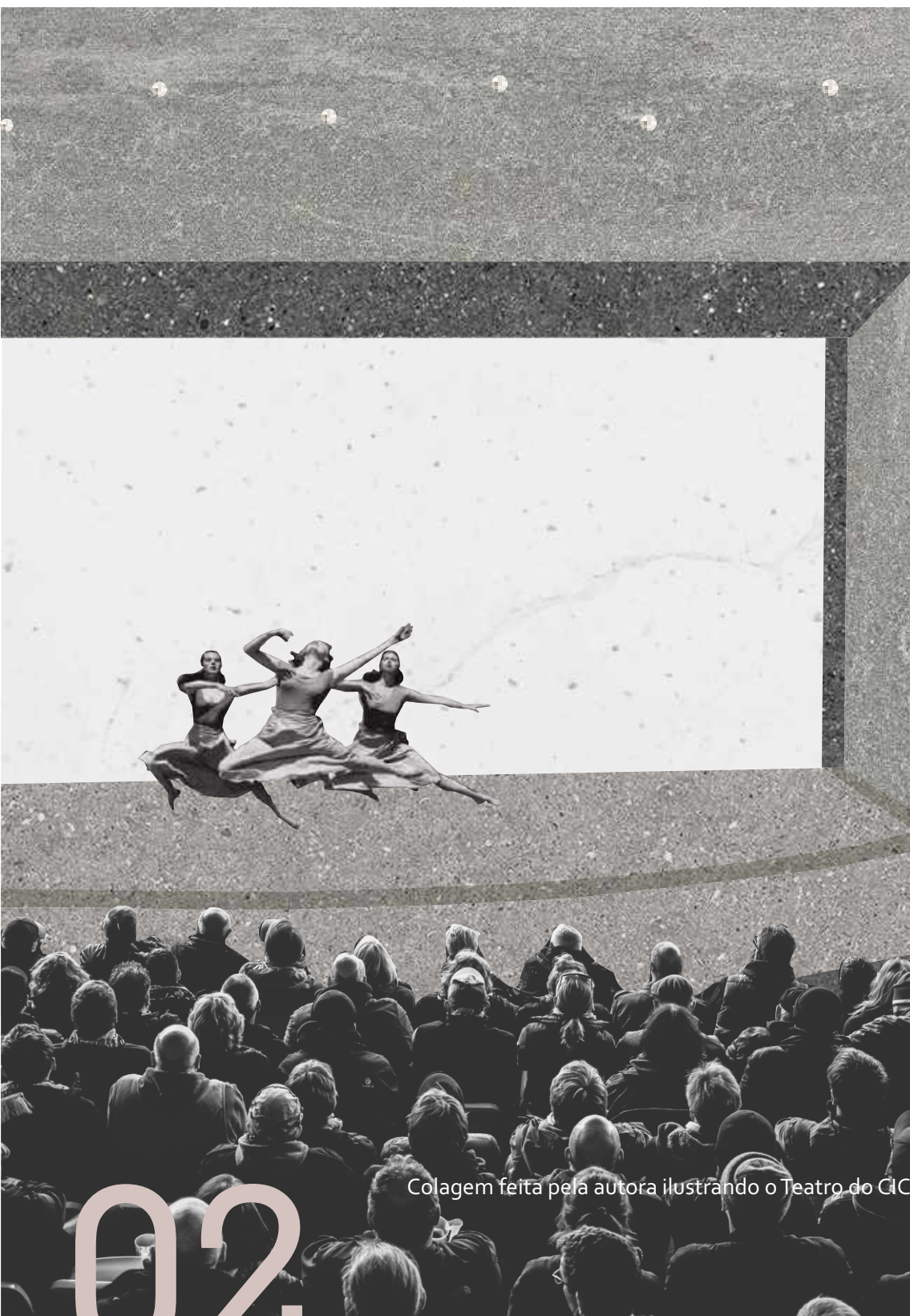
A arte e a relação com o público pós pandemia

“Como medida contra a disseminação do Coronavírus, esse espaço cultural está fechado”, diz a notificação colada na porta de entrada do Centro Integrado de Cultura durante o período de quarentena.

Sendo escrito em meio a uma pandemia mundial, pode parecer na contramão de tudo que tem sido falado nos jornais e meios de comunicação propor um local de mais encontros, vivências e trocas interpessoais. É necessário repensar a vida e a arte a partir do isolamento social vivido nos últimos tempos, o modo de transmitir o conhecimento têm mudado desde já e a arte que depende do presencial é atingida pelos perigos vindos da aglomeração de pessoas.

Apesar das adaptações que são previstas por todos de que nada será como era antes da Covid-19, este momento histórico deixa escrachado o quanto recorre-se à arte, principalmente, quando fragilizado emocionalmente e psicologicamente. Músicas, filmes, livros, danças são necessários por fornecer a oportunidade de, sem se excluir da atual situação, vivenciar outras perspectivas de mundo.

Mesmo em um momento tão extremo, com indicações de permanência, se possível, em suas respectivas residências, os espaços públicos ainda são procurados: praias, praças e parques seguem recebendo pessoas diariamente com suas máscaras, incluindo até a área externa do CIC, que mesmo com poucos atrativos de permanência, recebe poucas pessoas na quarentena. O encontro é e aparenta que sempre será buscado pelo público, resta propor espaços multifuncionais integrados e adequados para recebe-lo.



Colagem feita pela autora ilustrando o Teatro do CIC



01



02



03



Centro Cultural
São Paulo

04

Centro Cultural São Paulo

por Eurico Prado Lopes e Luiz Telles

“Um lugar que tiver teatro, museu e dança, mas não tiver cidadania, será um lugar incompleto”⁴ (SCHMIDT, 2016)

A conexão entre a Av. Vergueiro e a Rua 23 de Maio é feita pelo Centro Cultural São Paulo, espaço que funciona como uma extensão da rua, vencendo um grande declive e integrando a construção com a cidade. A cultura da capital se manifesta dentro desse espaço, considerado um refúgio do ambiente urbano e abrigo para encontros e expressões cotidianas.

No coração do espaço público a área verde é abraçada pela grande estrutura de concreto e colocada no projeto como um convite a entrar, para todos que veem da rua a copa das árvores. Um respiro para quem passa, os espaços abertos se propõem a contrariar a ideia de metrópole que nunca para.

“A Casa (CCSP) nasceu para ser um lugar onde todas as formas de artes convergem. A casa nasceu para ser um ponto de encontro, isso está escrito na arquitetura, é um lugar para as pessoas virem, se encontrarem e ficarem à vontade”⁴ (SCHMIDT, 2016)

O público se apropria livremente do lugar como os verdadeiros donos da edificação; os fluxos bem resolvidos acontecem de modo natural, permeando entre ambientes sem percebê-los. Grande parte de suas divisórias são lúdicas, de vidro, criando espaços mas não os excluindo do todo. Não há bloqueios visuais também para o exterior, com a intenção de enturmar quem esteja passando por ali e tem a devida permissão para observar o que está acontecendo dentro do espaço.

Ao andar pelas ruas internas da construção encontra-se diversos grupos de pessoas interagindo, praticando as mais variadas artes, mantendo-as puras, desde o erudito até as mais novas formas de se expressar. “É um lugar onde São Paulo pode falar através das pessoas”⁵ (FLOREZ, 2016).

Compreender o lugar não somente como objeto físico, mas como espaço de tensão, de conflitos de interesses, de subutilização ou mesmo abandono, tudo importa.

- 01. Foto área externa do Centro Cultural São Paulo mostrando o jardim e a escada que dá acesso ao terraço. Autor: Associação Amigos do Centro Cultural São Paulo. ⁷ SOUZA (2017)
- 02. Foto área interna do Centro Cultural São Paulo. Autor: Arquivo arq. ⁷ SOUZA (2017)
- 03. Foto área interna do Centro Cultural São Paulo. Autor: Renata Santoniero. ⁷ SOUZA (2017)
- 04. Foto área interna do Centro Cultural São Paulo. Autor: Renata Santoniero. ⁷ SOUZA (2017)
- 05. Foto externa vão de entrada Praça das Artes. Autor: Nelson Kon. ⁸ ARCHDAILY (2013)
- 06. Foto vão interno da Praça das Artes. Autor: Nelson Kon. ⁸ ARCHDAILY (2013)
- 07. Foto fachada mostrando o contraste entre Conservatório Dramático Musical de São Paulo, mantido e os novos edifícios da Praça das Artes. Autor: Nelson Kon. ⁸ ARCHDAILY (2013)

Praça das Artes

por Brasil Arquitetura

O Projeto Praça das Artes é mais que uma resposta as demandas culturais da cidade de São Paulo, é também uma resposta ao contexto em que está inserido: em um terreno de meio de quadra com frente para três ruas do bairro central, propõe a possibilidade de caminhos e desvios no passear pelo seu térreo permeável, rompendo com a recorrente construção de edifícios que criam obstáculos para os encontros na vida urbana.

“Construir a Praça das Artes foi além de construir os prédios, que foram destinados a abrigar as funções que lhes foram determinadas; foi principalmente construir um vazio entre esses edifícios. Esse vazio, portanto, além de ser um espaço público faz conexões de dentro do tecido da cidade”⁶ (FANUCCI, 2014)

A monumentalidade do projeto é alimentada pela densidade de usos e atividades de caráter cultural concentradas em um só ponto, numa só quadra. Os arquitetos trabalharam moldando os edifícios ao terreno, posicionando-os nos limites e criando vazios propositais. Vazios não no seu sentido negativo, mas uma pausa no ritmo da fachada da rua, um convite a olhar para o que há dentro do terreno e caminhar na permeabilidade do edifício. O meio do lote é onde a construção exerce seu caráter público, indutor de convivência e vida urbana, deixando espaços de livre apropriação que surgem da necessidade de um projeto urbanístico de recuperação/regeneração de área.

Na fachada da Avenida São João, o Conservatório Dramático Musical de São Paulo foi mantido, restaurado e engrandecido no projeto, com contraste de cores, branco contra o concreto cru da nova edificação.

O uso de concreto aparente aflora a herança brutalista da escola paulistana, pela estética e pelo pensar do espaço público, ao resistir a pouca manutenção. A estrutura e a vedação se fundem, sendo “rasgadas” apenas por suas aberturas, servindo como conexão com o exterior e interior, para que aqueles que estão dentro não se isolem da cidade ao mesmo tempo em que a cultura transborda para fora do edifício.

⁷ SOUZA, Eduardo. Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural São Paulo/Eurico Prado e Luiz Telles. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/872196/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-sao-paulo-eurico-prado-lopes-e-luiz-telles>. Acesso em: 07 abr. 2020.

⁸ ARCHDAILY. Praça das Artes/Brasil Arquitetura. 2013. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura. Acesso em: 07 abr. 2020.



05

Praça das Artes



06

⁴ SCHMIDT, Pena. **Arquiteturas: Centro Cultural São Paulo**. Série do SescTV. Publicado em 22 de fev de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVplbN2-qc> Acesso em: 07 abr. 2020. (26 min)

⁵ FLOREZ, Ricardo. **Arquiteturas: Centro Cultural São Paulo**. Série do SescTV. Publicado em 22 de fev de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVplbN2-qc> Acesso em: 07 abr. 2020. (26 min)

⁶ FANUCCI, Francisco. **Galeria da Arquitetura. Praça das Artes – Brasil Arquitetura**. Galeria da Arquitetura. Publicado em 13 de fev de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fn2lSgaZZpQ> Acesso em: 07 abr. 2020. (4 min)



07



01

Inauguração do Centro Integrado de Cultura

A capital catarinense, entre as décadas de 1970 e 1980, passava pelo processo de urbanização com o surgimento de prédios, aterros, demolições; e descentralização das áreas de lazer, expandindo a cidade, com a construção de estradas e pontes. No entanto, precisava de novos ambientes pensados exclusivamente para o desenvolvimento das práticas culturais, tais como espaços destinados para os esportes e o lazer, voltados tanto aos usuários locais, quanto para os turistas de alta estação que vinham ganhando relevância na economia local.

O CIC por ter sido inaugurado em tempo recorde (um pouco mais de 18 meses) em um ano de eleições, carrega consigo a marca de obra pública com finalidade intimamente relacionada aos desejos eleitorais da elite política da época, que discutia nos jornais a necessidade de um espaço na capital catarinense para grandes espetáculos, os quais até então eram desviados para Porto Alegre e Curitiba.

“Teatro Por falta de um local adequado para grandes apresentações, Florianópolis tem sistematicamente ficado de fora da maioria das apresentações artísticas de vulto que se promovem no País. Havia, até bem pouco, a falsa impressão de que o ilhéu não costumava incentivar com o seu comparecimento os espetáculos teatrais aqui programados. A Ópera do Malandro está aí para provar o contrário. Em seus cinco dias de cartaz no TAC, as 650 poltronas do velho teatro estiveram inteiramente tomadas. E mais houvesse para atender ao expressivo número de pessoas que ficou sem ingresso. Trata-se de mais uma evidente constatação da premente necessidade de um novo e maior teatro para a Cidade”¹² (TEATRO, 1980, p. 4)

“01) Palácio do governo; 02) Assembléia Legislativa; 03) Secretarias do Estado; 04) Palácio de Justiça; 05) Prefeitura; 06) Museu; 07) Teatro; 08) Biblioteca; 09) Prédio dos Correios e Telefonias; 10) Centro Comercial; 11) Centro Localizado; 12) Escritórios para a Iniciativa Privada; 13) Hotel para a Iniciativa Privada; 14) Garagens; 15) Restaurante - Bar; 16) Quadra de Futebol; 17) Quadra de Basquetebol, 18) Aeromodelismo; 19) Velomodelismo; 20) Posto da Petrobrás; 21) Play Ground; 22) Terminal de ônibus; 23) Tribunal de Contas. Dessas instalações e seus respectivos equipamentos de Lazer, elaborado pela firma Burle Marx e Cia. Ltda, apenas 08 foram executadas. As demais, 15 instalações, sequer foram iniciadas.”¹¹ (OLEIAS, 1994, p. 60-63)

A vista encontrada na entrada da capital até hoje reflete a descontinuidade do projeto por parte da administração municipal e estadual, que somado a falta de verba e a desconexão entre os projetos para a área resultou na transferência da obra do museu e do teatro para o novo eixo em desenvolvimento em Florianópolis que sai do bairro central para os bairros vizinhos, em direção as duas universidades públicas, e para o norte da ilha com a construção da SC-401.

Implantado no terreno da antiga horta do presídio, na Agrônômica, o Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes foi criado com o objetivo de aglutinar diferentes instituições e atividades culturais, sendo um espaço de difusão/fruição, preservação e formação. Envoltos por uma estrutura independente de concreto pré-moldado, o prédio se dispõe a ser um espaço por excelência para o consumo das variadas formas culturais produzidas, tanto em nível local, quanto em nível externo.

⁹ PONTE HERCÍLIO LUZ. As três irmãs: Saiba mais sobre as Pontes de Florianópolis. 20 de fev. 2017. Disponível em: <<http://nossahercilioluz.com.br/as-tres-irmas-saiba-mais-sobre-as-pontes-de-florianopolis>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹⁰ MACÁRIO, Carol. 30 anos do CIC: um marco cultural em SC. *Notícias do Dia*, Florianópolis, p. 4-5, 30 ago. 2012a. Plural.

¹¹ OLEIAS, Valmir José. *O lazer no Aterro da Baía Sul em Florianópolis: o abandono de um grande projeto*. 1994. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 1994. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/176059/138837.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹² TEATRO. *O Estado*, Florianópolis, p. 4, 15 jun. 1980. Acervo BPSC: setor de obras raras.

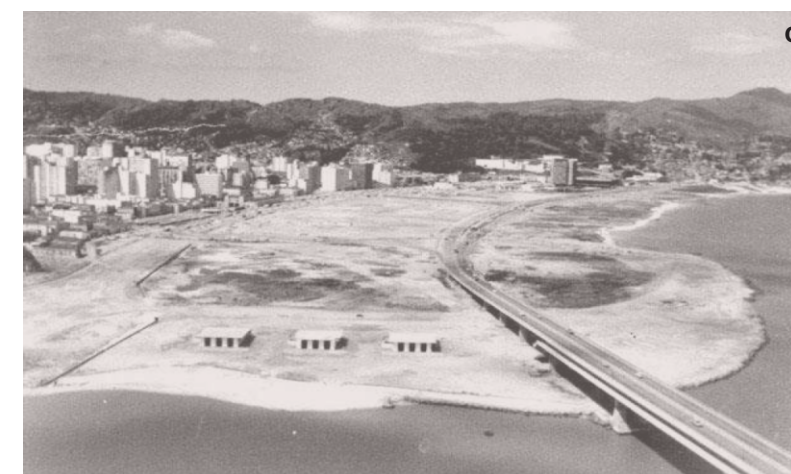
Contexto Histórico

Inaugurado em 1982, o Centro Integrado de Cultura nasce no momento político marcado pelo final da Ditadura Militar no Brasil (1964-85), herdando os mesmos princípios das grandes obras do governo da época, assim como o Terminal Rodoviário Rita Maria, a ampliação da Avenida Beira-mar Norte e o aterro da Baía Sul que carregam consigo o espírito de modernização.

“É importante destacar que naquele momento político, ou seja, na década de 70, prevalecia no meio dos governantes o fundamento da concepção “modernizante e desenvolvimentista” do período ditatorial do regime militar, pois reproduzia-se nas gestões governamentais locais, com facilidade, a ideia das grandes obras.”¹¹ (OLEIAS, 1994, p. 45)

A necessidade do Estado de manter o controle sobre a cultura somado a ideia de fortalecer uma identidade nacional, teve como consequência a ascensão do interesse pela política voltada a cultura, resultando na criação de planos e instituições como o Conselho Federal de Cultura surge em 1966, o Departamento de Assuntos Culturais, em 1970, e a Fundação Nacional de Arte, em 1975. A partir deste cenário, a criação de equipamentos culturais se torna prioritária em inúmeros pontos do País.

Menos de um ano após o movimento nos jornais relatarem a insatisfação, a obra do Centro Integrado de Cultura no qual constaria o desejado novo teatro, foi autorizada no dia 10 de fevereiro 1981 pelo governador Jorge Konder Bornhausen.



02



03

- 01. Foto da Fachada da Avenida Governador Irineu Bornhausen no dia da Inauguração do Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes. Fonte: Acervo MIS/SC
- 02. Foto da Ponte Colombo Salles, inaugurada em março de 1975, umas das obras de modernização da cidade na área central, mostrando a Baía Sul aterrada. Fonte: Ponte Hercílio Luz (2017)⁹
- 03. Imagem da primeira proposta para a construção do CIC no aterro da Baía Sul. Fonte: Macário (2012b, p. 5)¹⁰

Diagnóstico do Terreno

Em um terreno de quase 58.000 m² no bairro Agrônômica, rodeado por vias de intenso fluxo que conecta o centro da cidade, as universidades e o caminho para as praias, encontra-se o CIC (Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes) um dos principais espaços culturais do estado de Santa Catarina, o maior da capital catarinense.

O espaço público em questão, abriga atualmente o Teatro Ademar Rosa (TAR), o Cinema do CIC, o Museu Da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), a Biblioteca de Arte e Cultura, a Escolinha de Arte, as Oficinas de Arte, o Espaço Cultural Lindolf Bell, o Conselho Estadual de Cultura, a Administração da FCC e o Barió Café; sendo construído apenas 17% do terreno. Em sua área livre fica escancarada a priorização do veículo sobre os pedestres, apresentando cerca de 15.000 m² destinados para estacionamento e acessos de automóveis.

As vias arteriais imediatas ao terreno, mesmo que irrigadas pelo transporte público e privado diariamente, o isolam. A falta de acessos somada a introversão da construção, com pouquíssimas trocas visuais entre interior e exterior, resultam em um espaço ilhado e desconexo com o restante da cidade.

“Espaços públicos que oferecem mais qualidades que desvantagens proporcionam um vasto espectro de atividades urbanas. Rotas atrativas para caminhar e lugares de parada encorajam o tráfego a pé, o qual, por sua vez, promove atividades sociais e recreativas, pois, ao caminhar, as pessoas param e aproveitam a cena urbana”¹³ (GEHL; GEMZOE, 2002)

Ao longo da Avenida Irineu Bornhausen, a calçada oposta à beira do mar, do trecho que se inicia na Casa do Governador até o Terminal Integrado da Trindade, incluindo o próprio CIC - que tem sua entrada principal para a avenida -, é caracterizada por grandes quadras de uso institucional com poucos atrativos de permanência ou passagem, resultando no baixo interesse de passagem dos pedestres.

Por se tratar de um espaço público com escassos caminhos definidos, os visitantes podem caminhar livremente pelo terreno, mas a ausência de pontos de interesse e confluência não os convida para o passeio, é um espaço que não acolhe a população. O termo “integrado”, presente na denominação do centro cultural, deve ser aplicado em práticas que transbordem para fora do edifício e se conectem com a cidade com a abertura de seus espaços para a apropriação cidadã.

¹³ GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. Novos Espaços Urbanos. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2002.



Foto vista para o Morro da Cruz.



Foto vista para o Elevado da Av. da Saudade (Elevado do CIC)



Foto vista para o Manguezal



Foto vista da Entrada do CIC



LEGENDA

- acesso veículos
- principal fluxo externo de pessoas dentro do terreno
- pontos de ônibus
- área de acesso restrito

Perspectiva aérea do entorno do CIC

Diagnóstico

do Espaço Interno

A parcela da população que visita o CIC o faz por motivos pré-definidos: uma ida ao museu para ver as novas obras que estão sendo expostas, um grande show que chegou na cidade, um espetáculo de teatro local, aulas de xilogravura nas oficinas, visitantes da Fundação Catarinense de Cultura, ou aqueles que trabalham no local. O Café Matisse, retirado em 2010 do CIC ao receber a CasaCor daquele ano, era um destes grandes pontos de encontro da face artística catarinense, alimentava a visita descompromissada, sem horários marcados e a permanente troca interpessoal dentro do centro cultural. Para muitos, faz falta.

Colocado desde o início do projeto como principal função do centro cultural, pedido nos jornais pela sociedade, o Teatro Ademir Rosa é o espaço mais completo e bem resolvido do CIC; com capacidade para receber 906 pessoas na plateia e 1.746,46 m² construídos, abriga o maior palco de Santa Catarina, com 25 metros de largura por 17 de profundidade, com fosso da orquestra de 3,5 metros e a boca de cena com 14 metros de largura por 7 metros de altura. O caminho para o teatro é acessível e recebe o público em um enorme foyer, pouco intimista e com uma parte de seu espaço descoberta. Apresenta seis camarins com tamanhos entre 16 e 20 metros quadrados, porém faltam salas para ensaio com dimensões semelhantes às do palco, para que os artistas possam ensaiar, sem limitações, enquanto o palco é ocupado pelas instalações técnicas.

Um espaço que poderia propor uma experiência ampla e imersiva no contexto das obras, tanto o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) quanto o Museu de Imagem e Som (MIS), é traduzido apenas como um “Cubo Branco” de O’Dorethy (1976)¹⁴, que compara o espaço da galeria moderna como “construído segundo preceitos tão rigorosos quanto os da construção de uma igreja medieval” onde o fiel se vê diante de um ambiente isolado do mundo exterior e de obras de arte descontextualizadas dentro do espaço. As paredes impenetráveis e rígidas que envolvem todo o centro cultural são altamente problemáticas separando o público – tanto dos museus quanto das oficinas e da biblioteca.

O passeio pelo MASC é intuitivo e amplo, proporcionando um espaçamento necessário entre os visitantes evitando ruídos e aglomerações em frente a obras, segue regular e monótono, sem espaços de permanência e reflexão sobre as obras. A experiência proporcionada pelo ambiente, segundo proposto por Brown, Fleissing e Morrish (1984)¹⁵ é de responsabilidade do design visual que deve recompensar o visitante nos momentos de respiro, em que esteja cansado visualmente da quantidade de obras ou até do barulho do ambiente.

¹⁴ O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**. A ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (tradução de Carlos S. Mendes Rosa de Inside the White Cube: The ideology of the Gallery Space, 1976)

¹⁵ BROWN, Catherine R.; FLEISSING, William B.; MORRISH, William R.. **Building for the Arts**. Santa Fé: Westaf, 1984.

¹⁶ NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura**. Revista Especialize, Goiânia, julho de 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11115918-Centro-cultural-a-cultura-a-promocao-da-arquitetura.html>>. Acesso em: 16 de jun. de 2020.



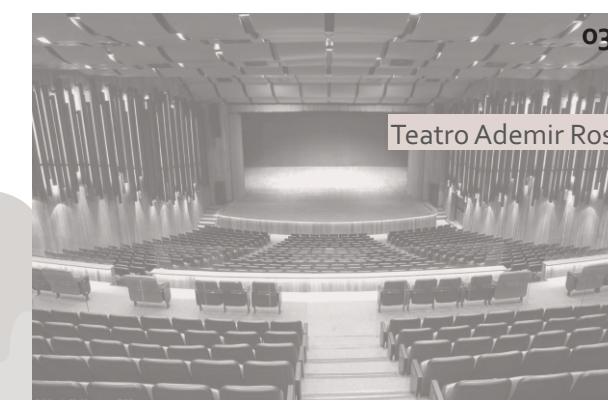
Museu de Arte de Santa Catarina



Espaço Lindolf Bell

Posicionado em uma capital que dispõe de três shopping com salas de cinema, além de outros cinemas alternativos, o Cinema do CIC juntamente com o Cineclube Badesc disponibilizam semanalmente sessões gratuitas de filmes para a comunidade. Restaurado em 2011, tem capacidade para 137 pessoas na platéia, com acentos para obesos e mobilidade reduzida, além de espaços para cadeirantes somente na parte de trás do auditório, mesmo que o caminho até o palco seja acessível.

Em contramão a desvalorização do ensino artístico nas escolas, a Escolhinha de Artes, a Biblioteca de Arte e Cultura - atualmente desativada -, e as Oficinas propõem o conceito de museu vivo ao centro cultural, oferecendo a arte de forma ativa ao público que somente a consome passivamente. Formadores da consciência social-cultural, propõem discussões e experimentação artística para todas as idades semanalmente, criando e fortalecendo os laços entre a comunidade e a arte.



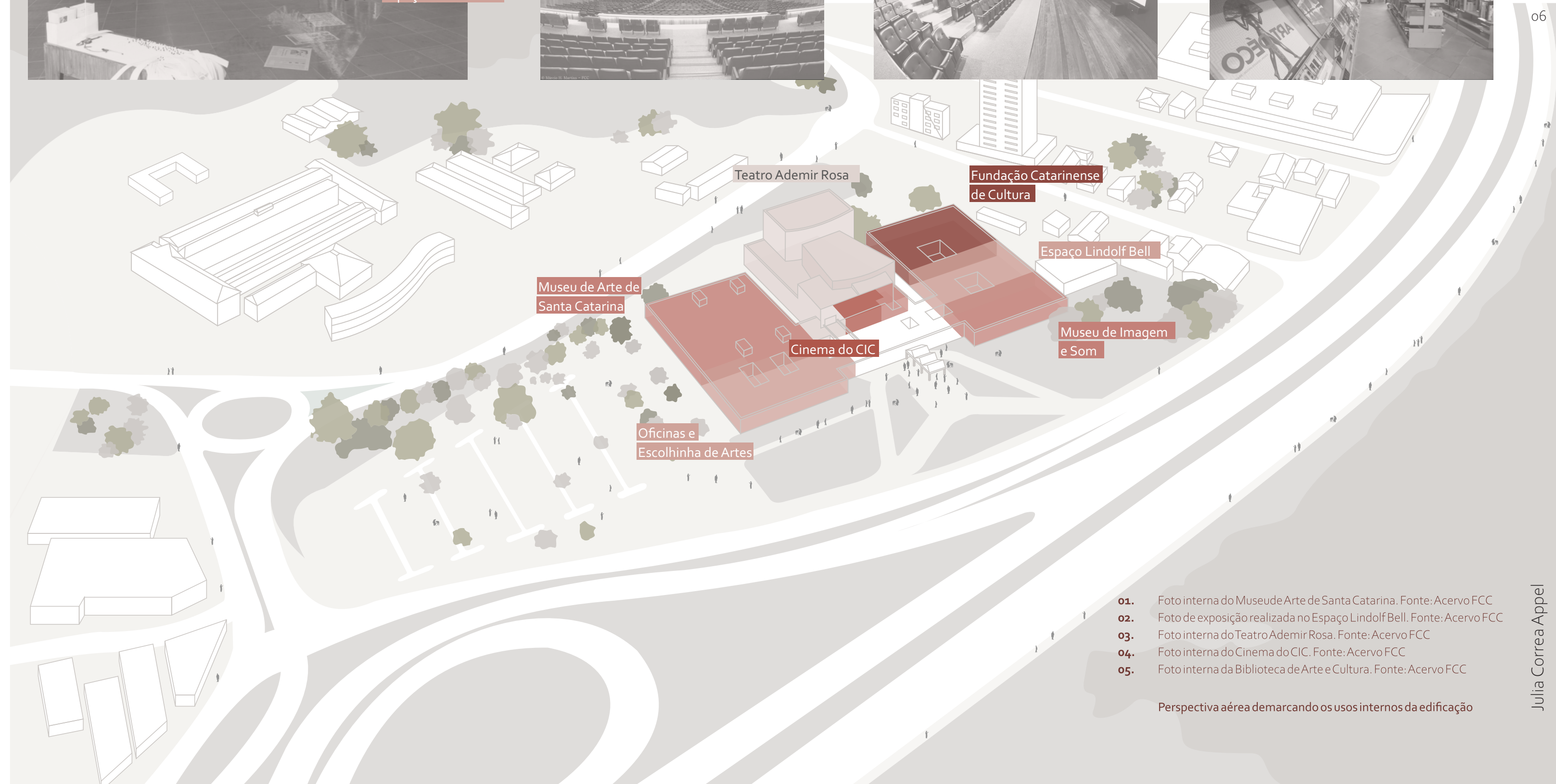
Teatro Ademir Rosa



Cinema do CIC



Biblioteca de Arte e Cultura



- 01. Foto interna do Museu de Arte de Santa Catarina. Fonte: Acervo FCC
- 02. Foto de exposição realizada no Espaço Lindolf Bell. Fonte: Acervo FCC
- 03. Foto interna do Teatro Ademir Rosa. Fonte: Acervo FCC
- 04. Foto interna do Cinema do CIC. Fonte: Acervo FCC
- 05. Foto interna da Biblioteca de Arte e Cultura. Fonte: Acervo FCC

Perspectiva aérea demarcando os usos internos da edificação

A proposta espalha por todo o terreno o convite ao uso público e o contato com a arte, que sai de dentro do edifício e se espalha com instalações e esculturas pela área externa, priorizando a livre apropriação e a reafirmação de sua característica brutalista. O concreto à vista é retomado em toda a construção, com três espaços pontuais em que há aplicação de pigmento avermelhado: a nova cobertura que demarca na fachada a entrada principal e permite a entrada de luz natural dentro da construção, a escada externa já existente que convida a subida para apreciar a vista de um ponto mais alto, e um dos novos anexos que abriga a sala de ensaio do Teatro Ademir Rosa.

Foram criados três acessos para o estacionamento, devido ao enorme volume de pessoas que chegam de carro no Centro Integrado de Cultura, ao mesmo tempo, em dias de espetáculos: uma entrada com espaço destinado a possíveis filas dentro do terreno, de modo a evitar congestionamentos na Avenida Gov. Irineu Bornhausen, e duas saídas diferentes para auxiliar a fluidez no final dos eventos. Todas as vagas existentes para veículos - com o adicional de 24 novas vagas - foram reposicionadas para o subsolo, que possui três entradas acessíveis para pedestres: um acesso para elevadores ou escada que saem no centro da nova praça seca; uma rampa que chega próximo da entrada principal do centro cultural; um acesso por elevadores e escada que, por um

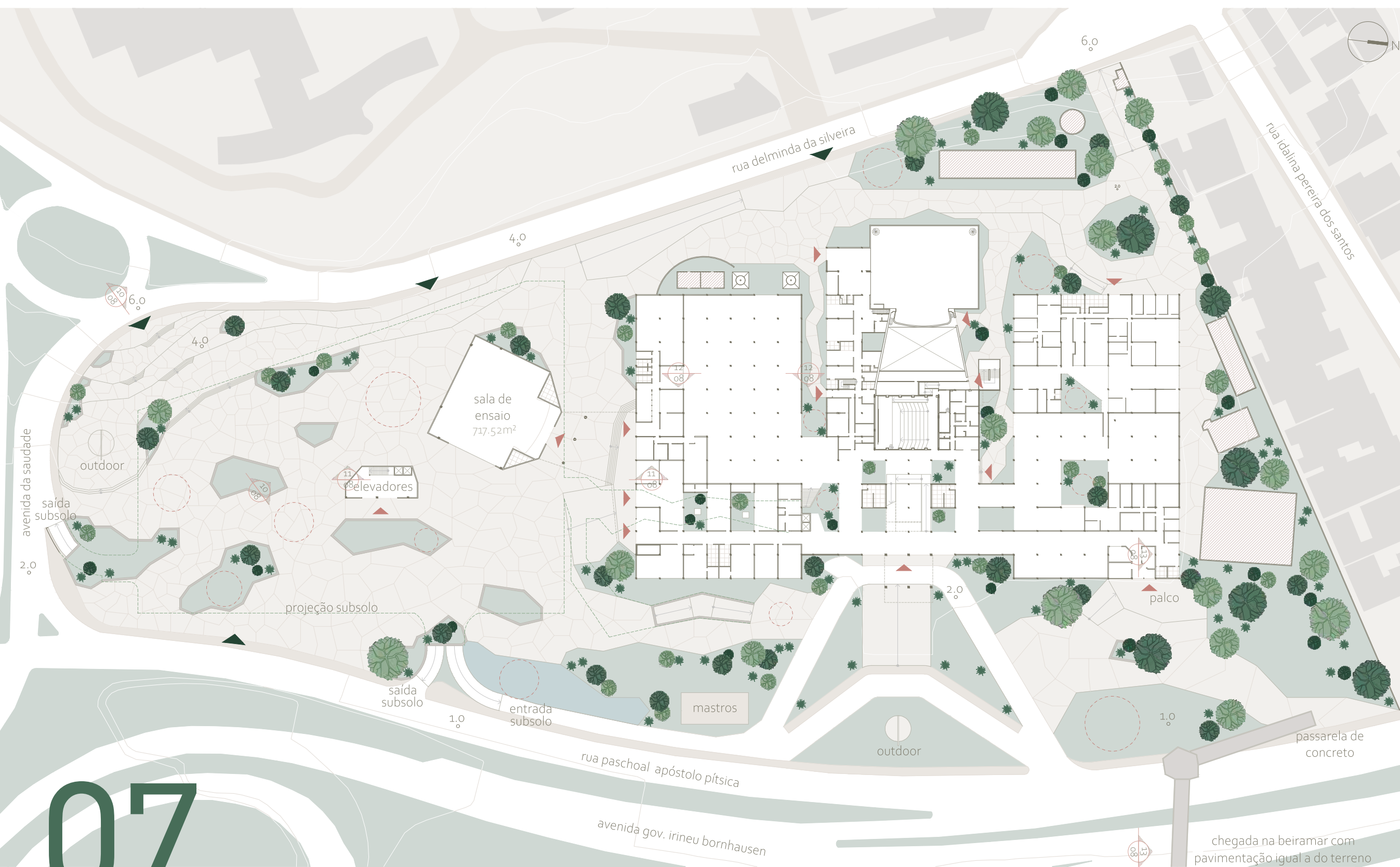
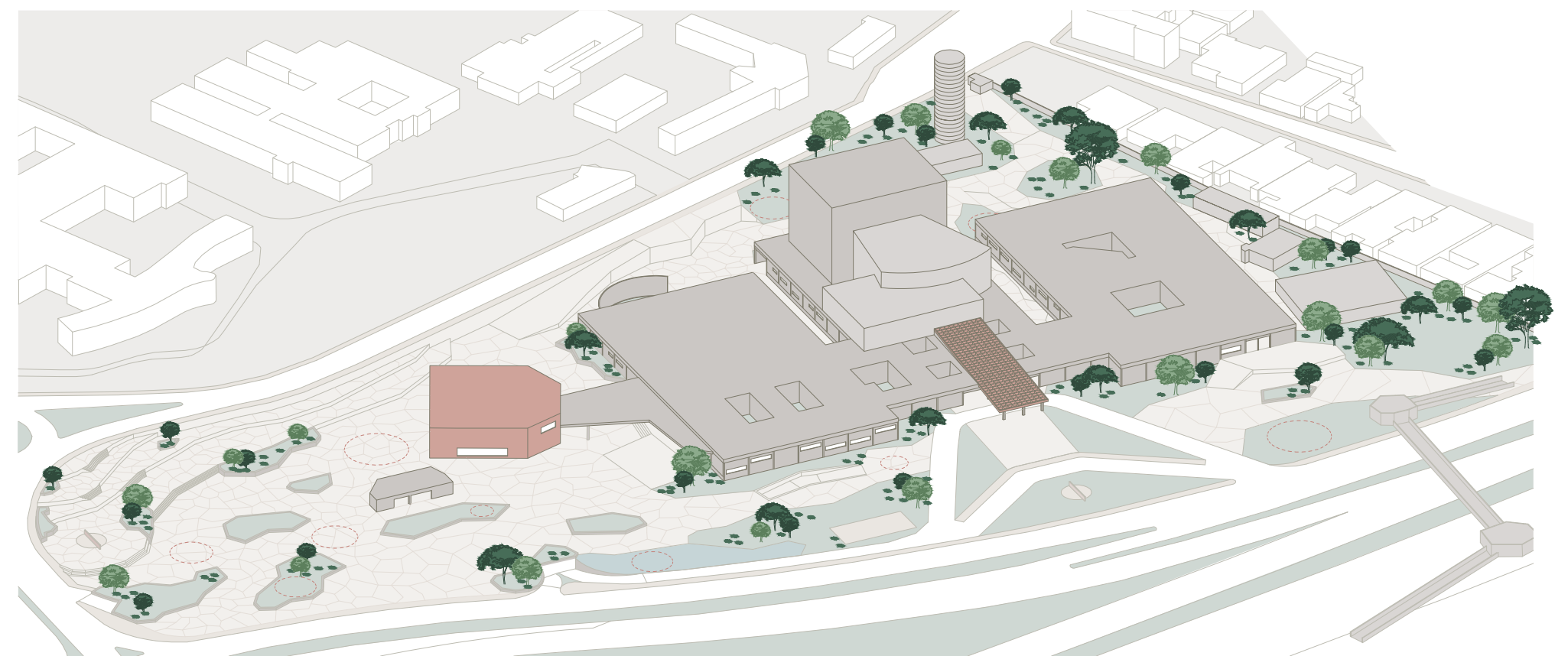
caminho com claraboias permitindo a entrada de luz natural, saem da área subterrânea direto para o interior do edifício, na área central.

A cerca que delimitava o terreno foi retirada e foram criados novos meios de acesso ao terreno, criando platôs e rampas para vencer o desnível da Rua Delminda da Silveira. A proposta prevê ainda uma passarela de concreto para pedestres e ciclistas atravessar em a Avenida Gov. Irineu Bornhausen, seguindo a mesma linguagem do centro cultural.

Os fluxos no interior da edificação se tornaram mais naturais, uma vez que muitas divisórias foram retiradas, permitindo que o público não tenha bloqueios visuais e assim decida livremente qual espaço quer usufruir. A Biblioteca de Arte e Cultura - que estava desativada - e o Café Matisse foram reativados e integrados com o Espaço Lindolf Bell, formando uma grande área de permanência. O projeto contempla a intervenção numa antiga sala multiuso, que tinha problemas com inundação por estar abaixo do nível do terreno. Nesta, a laje foi elevada e foram implementadas oficinas para música, conectadas com o MIS. Ambos os museus inseridos no centro cultural têm suas paredes rígidas retiradas para dar lugar a paredes móveis, que se adaptam as diversas possibilidades e necessidades de uma exposição.

Proposta

Partido



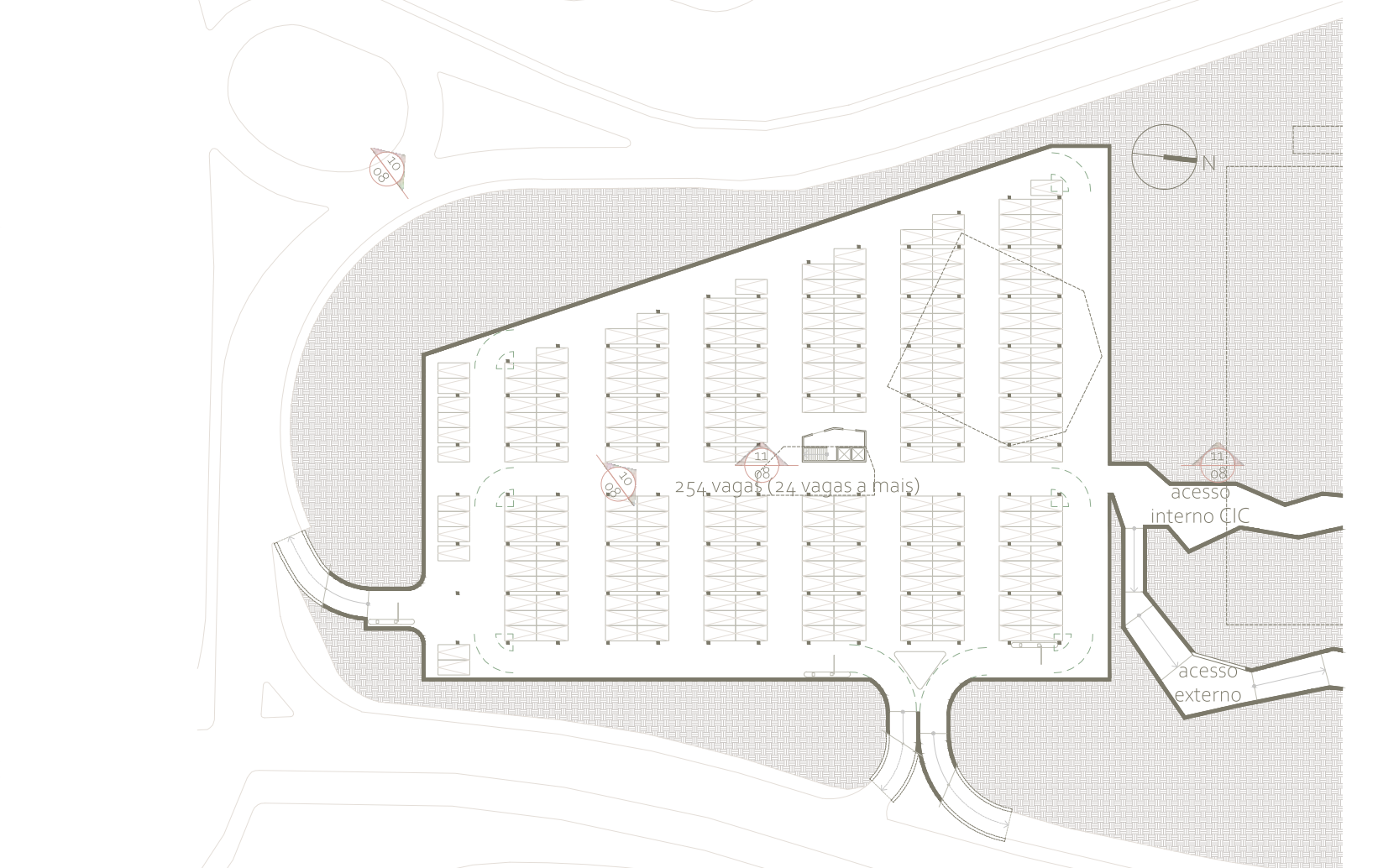
Legenda

- escultura ou instalação externa
- área técnica não modificada
- banheiro
- acesso à construção
- novos acesso ao terreno
- espelho d'água
- projeção subsolo

Áreas

MASC - 1354.92m² de área de exposição + 567.25m² de área técnica
Escolinha - 178.17m²
Oficinas - 595,68m² + 117,30m² de jardins internos
Área Central - 1225.51m²
MIS - 337.02m² + 95.82m² de oficinas de música + 365.82m² de área técnica
Matisse - 105.36m² + 52.59m² de jardim internos

Espaço Lindolf Bell - 482.55m² + 142.09m² de jardim interno
Biblioteca de Arte e Cultura - 319.15m²
FCC - 1112,70m² + 142.94m² de jardim interno
Cinema do CIC - 251.20m²
Administração do CIC - 153.69m²
Teatro Ademir Rosa - 681,67m² de área técnica no térreo + 24.90m² de jardim de inverno + 200m² de foyer + 105.40m² de sacada + 606.20m² de plateia + 641.77m² de palco e coxia

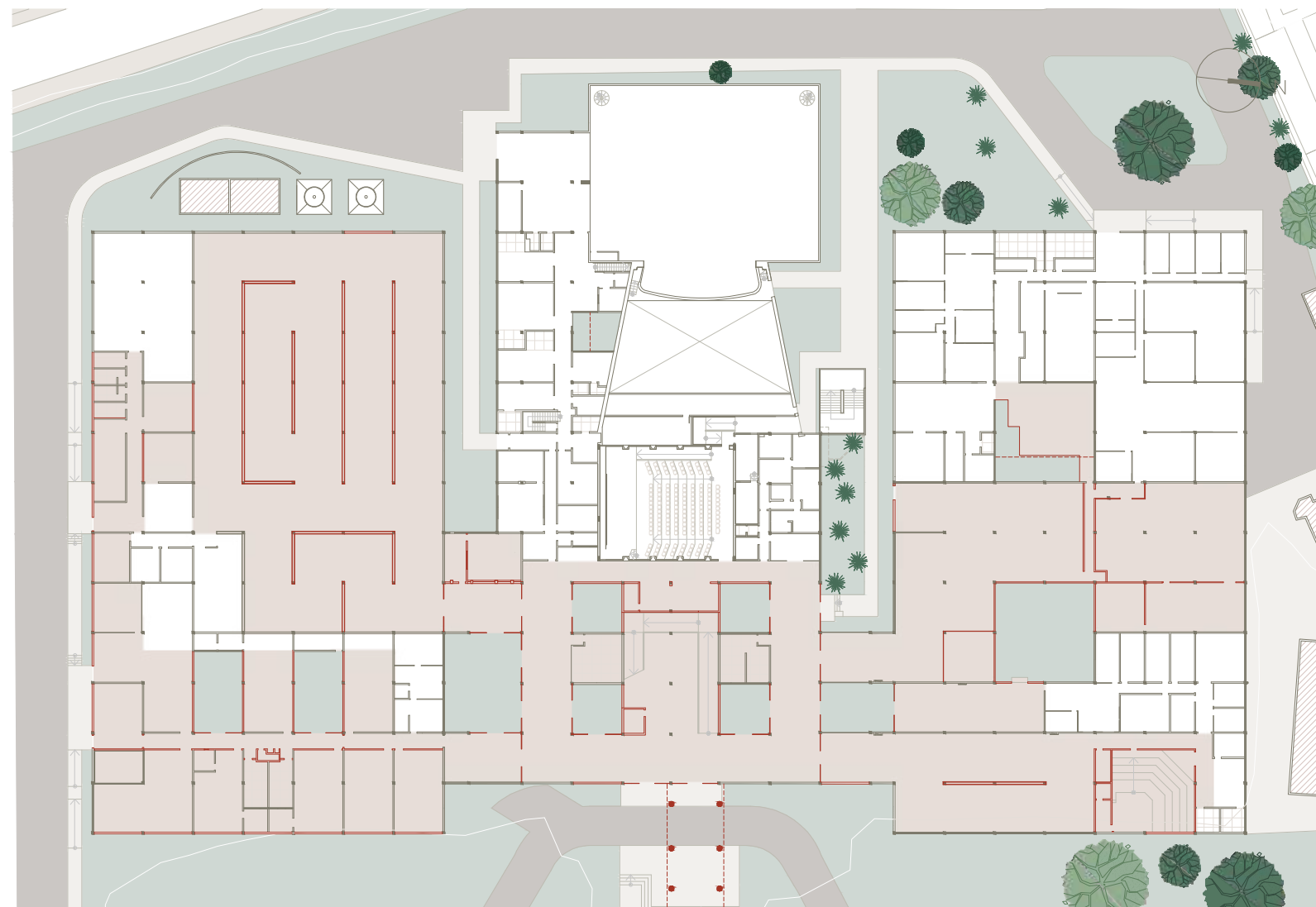


01

Implantação
escala 1:1000

02

Planta Baixa Subsolo
escala 1:1000



10 0 10 20 30

03 **Planta Baixa Térreo Atual**
escala 1:750



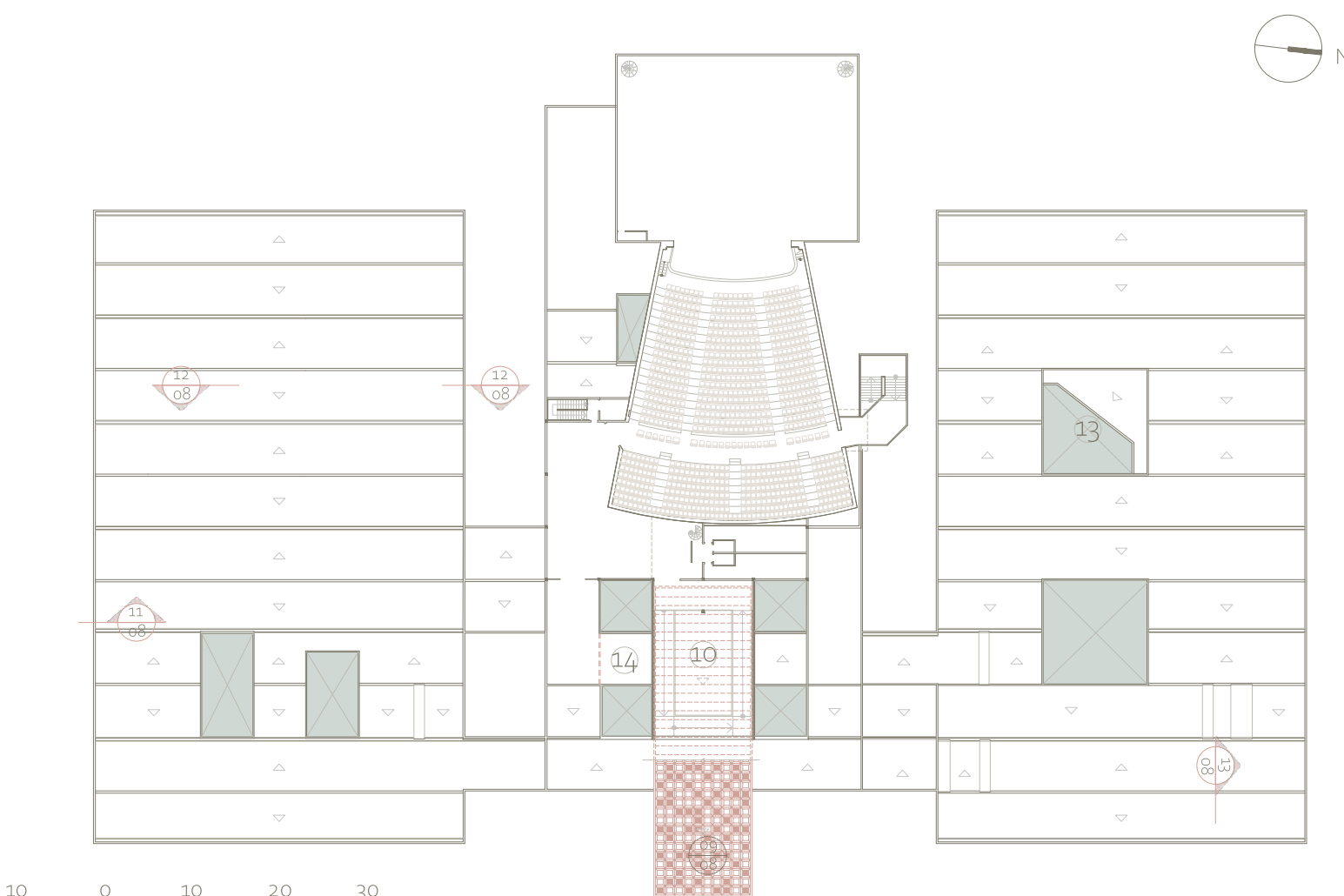
10 0 10 20 30

04 **Planta Baixa Térreo Proposta**
escala 1:750

Legenda

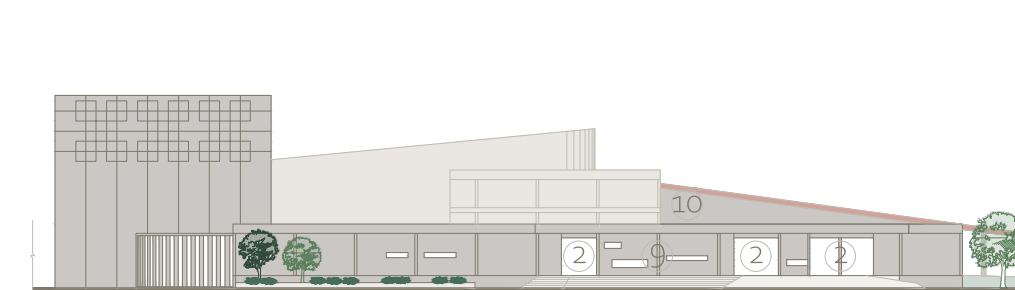
- ① Nova abertura para permitir o contato externo visual da Rua Delminda Silveira com o MASC - Vedação elétrica para impedir a entrada da luz solar quando necessário
- ② Acesso já existente, mas aumentado
- ③ Acesso fechado
- ④ Novo acesso
- ⑤ Retirada das paredes fixas e posicionamento de paredes móveis, para se adequarem a cada exposição
- ⑥ Abertura de vidro para permitir o contato com o exterior e a obra externa
- ⑦ Criação de acesso interno a partir do subsolo
- ⑧ Alargamento da circulação existente
- ⑨ Novas janelas para integrar as atividades internas com as externas
- ⑩ Mudança da cobertura existente, estendendo a cobertura - ora translúcida ora opaca - do acesso principal e criando uma cobertura semelhante ao da FAU USP de João Vila Nova Artigas e Carlos Cascardi, em concreto pigmentado de vermelho
- ⑪ Retirada das paredes para deixar o fluxo mais livre
- ⑫ Criação de oficinas destinadas a música com acesso ao palco externo
- ⑬ Aumento da área verde interna e diminuição da circulação coberta
- ⑭ Aumento da área externa do Foyer com acesso visual aos dois jardins de inverno
- ⑮ Revestimento em concreto pigmentado de vermelho
- ⑯ Cobertura nova ligando o anexo da Sala de Ensaio com o edifício existente - Laje de concreto e cobertura de telhado igual ao restante do CIC
- ⑰ Clarabóias para iluminação do acesso do subsolo

08

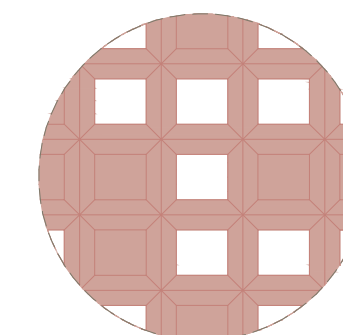


10 0 10 20 30

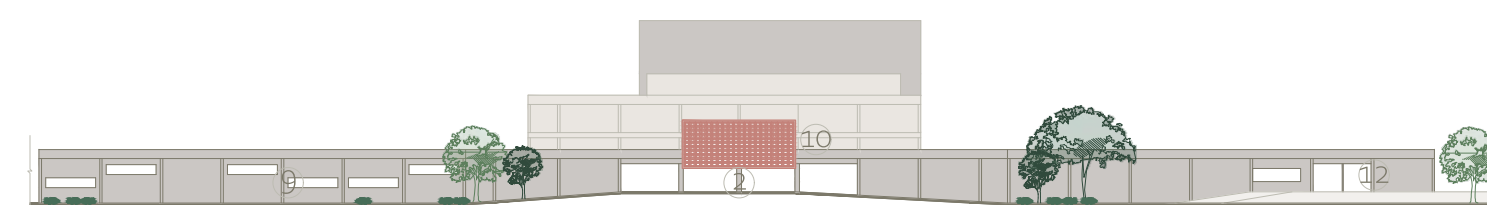
05 **Planta Baixa 2º Pav Proposta**
escala 1:750



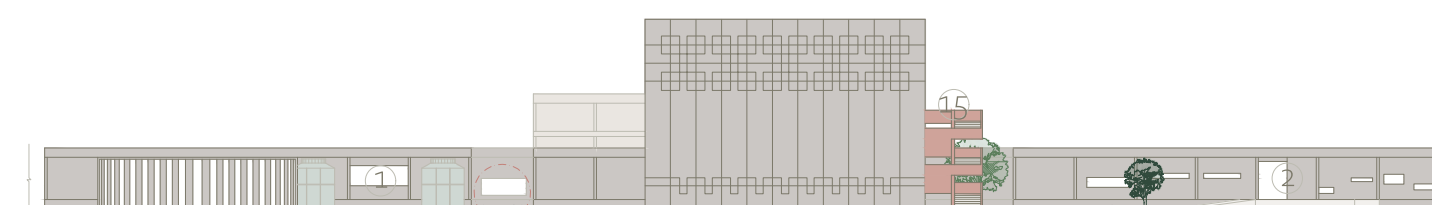
06 **Fachada Avenida da Saudade**
escala 1:750



09 **Detalhe Cobertura**
escala 1:100

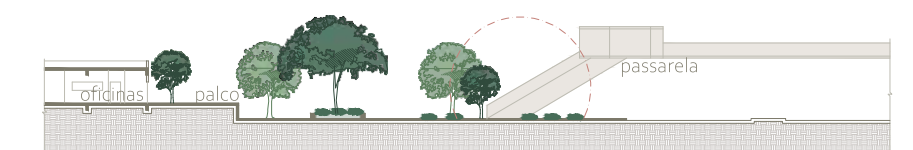


07 **Fachada Av. Gov. Irineu Bornhausen**
escala 1:750



08 **Fachada Rua Delminda da Silveira**
escala 1:750

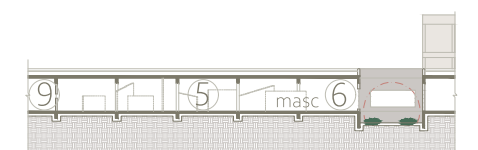
10 0 10 20 30



10 **Corte**
escala 1:750



11 **Corte**
escala 1:750



12 **Corte**
escala 1:750



13 **Corte**
escala 1:750

Julia Correa Appel

A arte, por fim, transborda através da construção, que abriga ao invés de isolar-se